



CULTIVADORAS DE MALVA: Criando oportunidades de geração de renda nas Comunidades Ilha do Chaves e Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA

Alessandra Maia Cerdeira Costa¹
Beatriz Borges Viana²
Maria do Perpetuo Socorro de Souza Garcia³
Sandra Helena da Silva⁴

RESUMO: O estudo aborda os trabalhos leves e pesados desenvolvidos pelas mulheres das comunidades Ilha do Chaves e Ilha do Valha-me Deus no município de Juruti/PA. Para chegar aos resultados foram realizadas pesquisas: bibliográfica, documental, e uma viagem para as ilhas que possibilitou coletar dados, que culminou com a pesquisa de campo. A sistematização desses dados possibilitou conhecer a importância da mulher em diversos segmentos que envolvem o quesito trabalho nas áreas de várzea no município. Pontuam-se as atividades que foram desenvolvidas, as palestras que discutiram temáticas relacionadas ao gênero, além de diversas oficinas pautadas em recursos existentes na região.

Palavras-chave: gênero; trabalho; área de várzea.

ABSTRACT: The study covers the light and heavy work carried out by women in the communities Island Keys and Valha- Island less God in the municipality of Juruti / PA. To reach the results were searched: bibliographies, document, and a trip to the islands which allowed collecting data, culminating in the field of research. The systematization of these data allowed the knowledge of the importance of women in various sectors involving the Question work in irrigated areas in the city. Score in the activities that have been developed, the lectures that discussed issues related to gender, as well as several workshops guided by existing resources in the region.

Keywords: gender; work; lowland area.

¹ - Acadêmica do curso de Serviço Social UFAM Parintins

² - Acadêmica do curso de Serviço Social UFAM Parintins

³ - Acadêmica do curso de Serviço Social – UFAM Parintins

⁴ - Professora do curso de Serviço Social UFAM Parintins e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo descrever uma atividade de extensão realizada em comunidades de várzea na região do Baixo Amazonas, nessas as mulheres são destaques no processo produtivo agrícola, tanto desenvolvendo atividades leves como pesadas.

As mulheres na Amazônia foram estigmatizadas desde o processo de colonização, tanto por sua cultura, como por serem representantes do sexo feminino. A doutrina cristã e a ideologia de apropriação de recursos naturais e seres humanos, já traziam em seu bojo a inferiorização do sexo feminino e sua doutrinação dentro dos princípios religiosos.

As desigualdades sociais e de gênero só agravaram com o passar dos tempos e com o crescimento econômico, que não proporcionou melhores condições para os povos dessa região e muito menos para as mulheres. Essas continuaram a ser tratadas de maneira desigual tidas como subalternas e inferiores quando comparadas aos homens e as mulheres de outras regiões.

As políticas públicas da região não conseguiram até o momento dar as mulheres, especialmente da área rural, uma condição de participação igualitária as mulheres em todas esferas sociais.

As mulheres desenvolvem atividades produtivas semelhantes aos homens, tem um valor central para a sobrevivência da família no âmbito rural, mas suas atividades, analisadas e pautadas numa lógica dualista e desigual, continuam sendo tidas como ajuda.

Esse estudo teve como procedimentos metodológicos o desenvolvimento de um projeto de extensão com recursos financeiros da Pró-Reitoria de Inovação Tecnológica, por meio do Parque Tecnológico da UFAM. Foram realizadas oficinas de pães, bolos e artesanatos, além de palestras relativas aos direitos das mulheres, Lei Maria da Penha e saúde das mulheres. Durante essas atividades foram realizados apontamentos em diários de campo, observações sistemáticas e avaliações indicando a participação e satisfação das mulheres quanto às atividades.

Participaram das oficinas uma média de 10 a 15 mulheres, de cada uma das Ilhas: Valha –me-Deus e Chaves, ambas situadas à jusante do rio Amazonas, já em terras de Juruti/PA.

O projeto foi realizado no mês de setembro de 2014 e reuniu uma equipe de 09 pessoas, entre acadêmicos e professores do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/UFAM. Permanecemos cinco dias na comunidade, onde foi possível desenvolver uma interação produtiva com todas mulheres envolvidas no projeto.

2. DESCREVENDO AS ÁREAS DE VÁRZEA E O POVOAMENTO DAS COMUNIDADES ILHA DO CHAVES E ILHA DO VALHA-ME DEUS – JURUTI/PA

As águas na Amazônia sejam elas fluviais ou pluviais conduzem e indicam as diversas formas para se viver nessa região, sejam elas escassas ou em abundância, todo modo de vida é regido pela dinamicidade e conexão entre águas e as terras.

As constantes mudanças climáticas, resultantes do aquecimento global, desmatamentos, exploração madeireira e degradações ambientais, têm ocasionado consequências antes nunca vista pelos povos amazônicos, em especial os localizados nas áreas de várzea.

As várzeas são áreas consideradas baixas, sujeitas a inundações em determinado período do ano, regidas pelo pulso das águas, localizadas nas margens dos rios; as áreas de terra firme são aquelas onde as planícies são mais elevadas e a população tem um ambiente relativamente mais estável, tanto para as plantações, quanto para moradias.

Pontua-se a várzea como um ecossistema de áreas baixas, sujeitas as inundações sazonais em um determinado período do ano. Para Fraxe (2011, p.61)

A várzea é a planície aluvional propriamente dita ou o leito maior dos rios; é a região sujeita, parcial ou totalmente, as inundações anuais e o seu solo é constituído de sedimentos quartanários depositados anualmente pelo rio. Conforme as regiões, a várzea pode ocorrer nas duas margens ou somente numa delas. Em muitos trechos ela não existe: é quando o terraço terciário da terra firme cai sobre o rio, formando altas barrancas comuns na margem direita do Solimões. A largura da faixa de várzea é muito variável, oscilando em média, computadas as duas margens, entre 15 e 100 km [...].

O pulso das águas, composto de cheias, enchentes, vazante e seca, faz os ribeirinhos se adaptarem continuamente, além de despertar o sentido imaginário e criativo de contemplação das superfícies aquáticas e terrestres. É no mosaico terra e água que o ribeirinho encontra o equilíbrio da vida, esses são chamados, também, de Povos das águas, segundo Scherer (2004, p.03).

As áreas de várzea apresentam situações peculiares: de um lado o processo de cheia dos rios, criando ao ribeirinho uma sensação de estar sempre recomeçando, nesse ambiente ocorre um processo contínuo de adaptação entre os seres humanos e o ambiente.

As grandes cheias afetam as plantações impedindo o processo de produtivo agrícola anual, por determinados períodos do ano, na região do Baixo Amazonas, entre os meses de maio a julho, não se encontra terra para cultivar. E as chuvas que precedem esses meses, também, impedem a agricultura.

A várzea, também, é associada ao ambiente de fartura, possuidora de um solo fértil promotora de significativa produtividade. Nas águas amazônicas estão contidos os componentes dos solos. Os materiais destes dependem do movimento e das propriedades das águas conduzidas em seu seio e das características de seu escoamento. A fertilidade dos solos está interligada exclusivamente com a dinamicidade dos rios, transportando nutrientes necessários para a manutenção dos ecossistemas nos ambientes de várzea.

As águas e as terras possuem uma relação de circularidade nas áreas de várzea. As águas são responsáveis em transportar os sedimentos dos solos e as irregularidades depositados por esses sedimentos desordenados que se alastram no período das chuvas e principalmente das enchentes e se colocam em lugares que fortalecem a agricultura e a plantação. Scherer (2004, p. 05) relata que “as peculiaridades das terras de várzea, heterogêneas e complexas são decorrentes dos sedimentos trazidos juntamente com as águas dos rios”.

A Região Amazônica apresenta, em relação ao clima, uma alta umidade relativa atmosférica, grande índice de nebulosidade, precipitações abundantes e temperaturas médias altas.

Destaca-se, ainda, no clima da bacia amazônica as influências dos fenômenos *El Niño* e *La Niña*, repercutindo na região do Médio e Baixo Amazonas. Os episódios de *El Niño* mais recentes ocorreram em 2009, 2010, 2011, 2014; *La Niña* em 2012 (CPTEC-INPE, 2014). Quando ocorre um *El Niño* há

um aquecimento anômalo das águas superficiais do Pacífico Equatorial Oriental. O mesmo tem duração típica de doze a dezoito meses e reaparece em intervalos de dois a sete anos. *La Niña* é um fenômeno contrário ao *El Niño*, resfriamento das águas superficiais no Pacífico Equatorial Central e Leste.

Esses fenômenos tem se acentuado nos últimos anos, em especial pós 2009, período de maior cheia dos rios na bacia hidrográfica amazônica, gerando sérias consequências para as diversas cidades e áreas rurais próximas aos rios.

Além das mudanças climáticas, ocasionando um aumento no volume das águas nos rios Solimões/Amazonas, há as ações antrópicas, agravadoras das degradações ambientais. Indicando o quanto os diversos ecossistemas e componentes da floresta amazônica estão conectados com o todo do planeta terra.

As áreas de várzea *lócus* desse estudo foram: Ilha do Chaves e Ilha do Valha-me-Deus, ambas pertencentes ao município de Juruti, Estado do Pará. O povoamento da Ilha do Valha-me-Deus ocorreu com a ocupação das terras dessa Ilha pela Sra. Leopoldina Bruce, no início do século XX.

Atualmente a Ilha possui uma população de 213 pessoas, sendo 114 homens e 99 mulheres, distribuídas em 65 famílias entre os Bruce e Castro. Espacialmente, estas famílias estão concentradas na área da restinga da comunidade, considerada por eles a parte mais alta, em casas de madeiras construídas em palafitas. A Ilha do Valha-me-Deus ocupa uma área de 2.913, segundo dados de georeferenciamento realizado no ano de 2014.

A Ilha do Chaves foi registrada no livro competente da Intendência de Juruti, em 1898 como Paraná do Chaves, em nome de Virginia Maria de Souza. Infere-se que Sra. Virginia, também, se beneficiou da Lei de Terras do Brasil (Lei n.601, de 18 de setembro de 2005). A ilha ocupa uma área de 1.028 hectares.

Segundo relatos coletados na Ilha do Chaves foi fundada por quatro “velhas”. Afirmam que quatro senhoras, com seus respectivos maridos passaram no final do século XIX a morar na Ilha. Saíram da comunidade de Juruti Velha para construir suas vidas neste local. Eram as Senhoras Baruca, Ambrosia, Pirica e Virginia, todas eram da família Souza, com exceção da Baruca.

Atualmente na Ilha do Chaves vivem 182 pessoas, sendo 91 mulheres e 91 homens, organizados em 37 famílias. Espacialmente, estão espalhados por toda

área da Ilha, diferentemente do Valha-me-Deus, na qual as casas estão postas lado a lado.

3. SOCIEDADE PATRIARCAL E AS MULHERES NA AMAZÔNIA

As discussões de gênero estão postas na sociedade, desde o princípio da instituição da sociedade dita “civilizada”, calcada numa estrutura hierárquica, dualista e desigual. Primeiro tendo como base os princípios religiosos, os quais destinavam papéis e funções subalternas no contexto das relações familiares, posteriormente com o modelo econômico que incute a divisão sexual do trabalho e a dualidade entre os gêneros masculinos e femininos.

Os estudos e pesquisas pautados nas ciências naturais contribuíram para reforçar as desigualdades de gênero, indicando as mulheres como seres com menores capacidades físicas, biológicas e cognitivas.

Foram necessários muitas lutas e pesquisas por parte das mulheres que não se “enquadravam” no modelo posto pela sociedade de cunho capitalista e cristão, para que as mulheres de todas sociedades alcançassem reconhecimentos e direitos humanos, sociais e civis. As mulheres galgaram inúmeros espaços sociais e econômicos, antes tidos como apenas masculinos, contudo as instituições sociais mantiveram-se masculinas, fundadas em princípios e normas patriarcais, exigindo das mulheres transformações que vão além das competências técnicas e cognitivas.

Para Torres (2011) pensar na condição humana das mulheres na Amazônia implica compreender as relações de gênero que se circunscreve nas relações de poder, num ambiente colonizado por povos europeus, os quais se apropriaram das riquezas naturais e humanas.

Em tempos hodiernos ainda são necessárias lutas sociais e denúncias públicas por parte das mulheres amazônicas para desconstruir a imagem que se construiu sobre as mesmas nessa região. As leis existem prevendo direitos às mulheres, contudo faltam um *status* de reconhecimento, de participação dessas mulheres nos espaços públicos, em políticas públicas destinadas a essas mulheres. Dando a elas as condições para serem iguais aos outros homens e mulheres, direito de participar como igual. (FRASER, 2007). Observa-se a falta de compromisso por parte do poder público, o qual cria políticas públicas que

destoam das reais necessidades dos povos amazônicos. As mulheres trabalhadoras rurais, ainda tem seu labor cotidiano invisibilizado.

O protagonismo da mulher amazonida apesar de ao longo da historia ter sido desconsiderado nas políticas públicas, reproduzindo o modelo de sociedade dualista e hierárquico, tem sido valorizado pelas pesquisas realizadas na Amazônia, onde tem se privilegiado os saberes e fazeres das mulheres.

As mulheres no âmbito rural tem se envolvido com as diversas atividades produtivas no contexto da agricultura familiar, dividindo seu tempo entre as atividades domésticas, as criações de animais e agricultura. São destaque nesse estudo as mulheres das Ilhas do Valha-me-Deus e Chaves, guerreiras, “perigosas” como afirmam elas, pois não se intimidam diante dos desafios postos em seu cotidiano, sejam pelo próprio trabalho, pela ausência de políticas públicas ou pelos efeitos do clima da região.

Essas mulheres muito embora desempenhem o mesmo trabalho que seus maridos, elas não conseguem se perceber como produtoras, como provedoras econômicas de suas famílias, se declaram apenas como alguém que ajuda, reproduzindo a visão social, do trabalho da mulher como ajuda, como improdutivo.

Saffiott (2004) sinaliza a necessidade de desconstruir o poder que o homem exerceu sobre a mulher, que se inscreve como uma forma violência à capacidade física e intelectual, e a toda forma de humilhação às quais as mulheres são submetidas, destinando a elas trabalhos apenas no âmbito do privado.

4. TRABALHOS LEVES E PESADOS: O PROJETO “CULTIVADORAS DE MALVA: CRIANDO OPORTUNIDADES DE GERAÇÃO DE RENDA”

De acordo com Torres (2011) nas comunidades tradicionais da Amazônia, a família e as relações que dela resultam, constituem o elemento organizador da economia. Daí a importância de se refletir de forma crítica as práticas sociais das mulheres, por meio da questão do gênero e o meio ambiente.

Nas várzeas amazônicas há a presença da produção de espécies alimentares para a sobrevivência da família e, também, para a comercialização, o que é considerado como tarefa dos homens, mas que muitas vezes, as mulheres

assumem esse papel. Para Torres (2005, p. 154), “além de ela realizar o importante trabalho de preparo do plantio [...] faz também o trabalho de colheita de malva, piaçaba e lavagem de juta, considerado trabalho pesado”.

A caracterização do trabalho enquanto leves e pesados depende em grande parte do entendimento das mulheres. Elas cuidam da casa, do marido, dos filhos, carregam recipientes com água na cabeça, estão presentes no processo de preparação do plantio, dentre outras atividades, carregando em seu corpo as marcas da vida em meio à situação que vivenciam. Desse modo o caráter do trabalho enquanto leve ou pesado é relativo e culturalmente determinado, uma vez que, na esfera de suas atividades a mulher executa tanto as atividades leves quanto pesadas (BRUMER, 2004, p. 211 *apud* TORRES, 2011).

As comunidades Ilha do Chaves e Ilha do Valha-me-Deus são áreas de várzea que tem como principais fontes econômicas a agricultura de base familiar, tendo como cultivos principais as espécies alimentares melancia, jerimum, pepino, milho, cana-de-açúcar. Desde os anos de 1940, quando da introdução da fibra vegetal juta e malva, foram reconhecidos como os maiores produtores dessa fibra no Baixo Amazonas, porém essa produção é praticamente inexistente.

Em virtude do ambiente de várzea os moradores vivenciam anualmente a influencia do pulso das águas, impossibilitando a agricultura durante as cheias do rio Amazonas. Durante esse período é grande a dificuldade dos bens de consumo como o peixe e farinha, o que faz com que o povo varzeano não tenha uma alimentação balanceada.

Foram a partir das entrevistas com mulheres agricultoras das Ilhas que se identificou o interesse em desenvolver cursos voltados à culinária e artesanato. Nesse sentido, no mês de Setembro de 2014 foi realizado o projeto de extensão: “Cultivadoras de malva: criando oportunidades de geração de renda”. Esse projeto teve por objetivo proporcionar a produção de alimentos que possam enriquecer a dieta e possibilitando, ainda, geração de renda monetária que poderão somar às suas tradicionais práticas de trabalho.

O projeto de extensão teve duração de uma semana, com o objetivo de levar às malvicultoras novos conhecimentos, através de oficinas de confecção de pães, bolos e doces, e também a arte em cuias, material natural que muitas vezes era desperdiçado, fazendo com as mulheres obtivessem alternativas de renda.

Os pães, os bolos, as receitas, as cuias, os doces eu achei muito bom. Nós vamos fazer as receitas aqui para gente comer aqui em casa com os filhos. E em tempo do campeonato a gente pode montar uma banquinha com as colegas e arrumar uma renda pra comunidade. E eu espero que a gente dê continuidade no trabalho (Entrevistada A – Ilha do Chaves).

Pra nossa comunidade foi uma coisa surpreendente. Muitas vezes a gente não se acha capaz, mas todos nós somos capazes de aprender, não só aprender, mas praticar também. Isso é uma fonte de renda se nós nos empenharmos pra fazer, fazer uma associação de mulheres pra gente fazer encomendas e estarmos empenhadas com as atividades (Entrevistada B – Ilha do Valha-Me Deus).

Evidenciando essa discussão de gênero e relatando acerca da importância da organização política das mulheres, pode-se notar nas falas de algumas mulheres entrevistadas nas comunidades das Ilhas do Chaves e Valha-me-Deus, que apesar da influência da igreja e dos costumes tradicionais, as mesmas pensam em uma forma de se organizar politicamente para que possam lutar e buscar mecanismos para a efetivação de seus direitos.



Figura 1: Oficina de artesanato em cuias.
Fonte: Pesquisa de Campo 2014



Figura 2: Oficina de confecção de pães e doces
Fonte: Pesquisa de Campo 2014

As propostas e atividades do projeto foram de suma importância tanto para a socialização do processo de aprendizagem proposto pela Universidade que visa unificar ensino, pesquisa e extensão, bem como foi uma forma de levar informações a essas comunidades através de palestras com temas diversificados incluindo: Lei Maria da Penha, Câncer de Mama, e métodos contraceptivos. Nesse sentido as oficinas de confecção de artesanatos e doces, além das palestras contribuíram para melhoria do bem estar social e econômicos das participantes, além do que valorizou o ser mulher no contexto da comunidade, visto os cursos e formações em geral serem destinadas aos homens.

5. CONCLUSÃO

As propostas das atividades do projeto foram de suma importância tanto para a socialização do processo de aprendizagem proposto pela universidade que visa unificar ensino, pesquisa e extensão.

Este trabalho foi relevante, pois foi uma forma de levar informações a essas comunidades através de palestras com temas diversificados incluindo, cidadania, direitos humanos e os esclarecimentos sobre a Lei Maria da Penha, Saúde da mulher, Métodos Contraceptivos, Gravidez na Adolescência, bem como as inúmeras possibilidades de geração de renda utilizando os materiais naturais da região, e a feitura de pães e bolos, que possam somar aos demais trabalhos já desenvolvidos por elas, objetivando a melhora na qualidade de vida.

Enfatizamos a relação de gênero e trabalho, onde falamos que trabalho não tem sexo, trabalhos são trabalhos. E que a divisão sexual do trabalho é resultantes de uma lógica posta pela sociedade patriarcal capitalista que, além de fortalecer as desigualdades entre homens e mulheres sobrevive da superexploração do trabalho, nesse caso em questão dos trabalhos classificados como feminino.

6. REFERÊNCIAS

- CPTEC-INPE. fenômenos *El Niño e La Niña*. Acesso em: 10 de Mar/ 2015. Disponível em: enos.cptec.inpe.br.
- FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? In.: Revista Lua Nova. São Paulo, n. 70, 2007.
- FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas. São Paulo: Brasília: CNPq, 2011.
- SAFFIOT, Heleieth; BONGIOVANI, Iara. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCHERER, Elenise. Mosaico Terra-Água: A vulnerabilidade Social Ribeirinha na Amazônia- Brasil. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra. Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Colégio de S. Jerônimo, 2004.
- TORRES, Iraíldes Caldas; SANTOS, Fabiane Vonente dos. Intersecção de Gênero na Amazônia. Manaus: EDUA, 2011.
- _____. As novas amazonidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.
- _____; Oliveira, Márcia Maria. Variações sobre trabalho leve e pesado na vida das mulheres de Izidoro e Barro Alto. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.